

QUESTÃO PALESTINA E O USO DE IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA HISTÓRICO-CRÍTICO

Alan Peterson da Silva Siquara
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
alanpgeo17@gmail.com

Resumo

Este trabalho trata do desdobramento de pesquisa do mestrado em educação, cujo objeto de estudo é o ensino de Geografia à luz da pedagogia histórico-crítica. A partir da categoria conceitual paisagem propõe o uso de três imagens como dispositivos pedagógicos no ensino, tomando como contexto conjuntural o genocídio em curso na Faixa de Gaza. Para abordagem espacialmente contextualizada da questão palestina no ensino escolar, parte-se da compreensão de que a paisagem, enquanto expressão sensível das relações sociais em movimento no espaço-tempo, pode ser abordada como mediação para o desvelamento das contradições da realidade objetiva, desde que mobilizada numa perspectiva histórico-crítica. A imagem, nesse sentido, não é compreendida como mera ilustração ou recurso estético, mas como instrumento para o exercício da leitura crítica do mundo, em diálogo com o corpo categorial-conceitual geográfico. Fundado no materialismo histórico-dialético como método de análise da realidade, este trabalho postula a defesa da organização do trabalho educativo estruturado na proposição de uma outra sociabilidade, comprometida com a superação da barbárie vigente enquanto expressão constituinte da ordem do capital. Para tal, defende a transmissão dos conteúdos historicamente acumulados em prol da humanização dos indivíduos e do gênero humano. Como contribuição, apresenta elementos teórico-metodológicos para pensar o uso intencional e crítico das imagens na mediação do conhecimento geográfico na escola.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Palestina; Paisagem; Pedagogia histórico-crítica.

Introdução

Em 7 de outubro de 2023, a Operação Dilúvio Al-Aqsa, implementada por grupos da resistência palestina em Gaza, na Palestina, resultou na morte de 1200 israelenses e na captura de cerca de 240 reféns. A resposta de Israel, ainda em curso, deflagrou um feroz genocídio com o assassinato de mais de 60 mil palestinos¹ - a maioria crianças e mulheres -, além de milhares de feridos, deslocados e famintos, e na destruição de praticamente todo o espaço geográfico do enclave. A profunda crise humanitária desencadeada reatualizou a centralidade da questão palestina (Pappe, 2025) na agenda internacional e agudizou as contradições da ordem mundial.

A Geografia, enquanto ciência da práxis espacial, oferece importantes subsídios analíticos para compreender os determinantes geopolíticos do chamado “conflito Israel-Palestina” (Ladeira, 2024), particularmente quando mobiliza suas categorias fundantes – espaço, território, paisagem, lugar e região. Valendo-se desses instrumentos, este trabalho propõe uma abordagem histórico-crítica do ensino de Geografia (TEIXEIRA, 2021; COUTO, 2023; GONÇALVES, 2024) voltado aos anos finais do ensino fundamental e médio, tomando

¹ Número de palestinos mortos em Gaza é 65% maior que oficial, diz estudo. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/07/03/numero-de-mortos-em-gaza-e-65-maior-que-oficial-aponta-estudo.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

a categoria paisagem como eixo articulador da análise. Para isso, apresenta uma breve contextualização da questão palestina com o uso de três imagens como dispositivos que expressam, em sua materialidade visível, a essência da violência colonial, capitalista e imperialista que sustenta a catástrofe em curso.

Questão Palestina e o genocídio em Gaza

Desde outubro de 2023, os intensos bombardeios, incursões militares e massacres sistemáticos promovidos por Israel contra a população de Gaza resultaram na destruição massiva de escolas, hospitais, templos religiosos, residências e abrigos humanitários. Imagens brutais de violência deliberada contra civis palestinos — incluindo crianças famélicas impedidas de acessar ajuda humanitária sob cerco total — mobilizaram a opinião pública mundial. Diversas entidades e organizações de direitos humanos, respaldadas pela legislação internacional, têm classificado tais atos como crimes de genocídio². Além disso, o território da Cisjordânia também ocupada, enfrenta uma grave escalada de violência: ataques de colonos supremacistas, frequentemente protegidos por forças militares israelenses, ocorrem paralelamente à expansão de assentamentos ilegais, expulsões forçadas, destruição de casas e plantações, além de prisões arbitrárias e assassinatos.

Aliados do regime sionista — governos, corporações, monopólios midiáticos e setores religiosos conservadores — buscam legitimar a ofensiva apresentando-a como uma suposta guerra contra o “terrorismo”. Essa narrativa deturpada baseia-se na difusão de informações fragmentadas e ideologicamente distorcidas, que ocultam as raízes históricas da questão palestina e reforçam a perspectiva colonial e expansionista do Estado de Israel. Questão ainda articulada aos propósitos geopolíticos de seus principais aliados, EUA e países da União Europeia, que mantêm interesses numa região geograficamente estratégica, assentada em vastos recursos energéticos e minerais.

Para compreendermos a natureza do que ocorre na Faixa de Gaza, Cisjordânia e em todo o território da Palestina histórica ocupada, bem como seus desdobramentos regionais e repercussões no plano internacional, inclusive no Brasil, é imprescindível apreender a essência do “conflito” de modo objetivo e historicamente contextualizado. É fundamental buscar o posicionamento da questão palestina para além dos “mitos” (Pappe, 2022) propagados com o intuito de legitimar mais de sete décadas de colonialismo, limpeza étnica, apartheid, racismo e a prolongada opressão do povo palestino, que agora ganha contornos explicitamente genocidas com vistas ao aniquilamento da população originária.

Ensino de Geografia histórico-crítico

² Fundações como Anistia Internacional e Human Rights Watch apresentam robustos elementos para sustentar a acusação de que as autoridades israelenses são responsáveis por crimes contra a humanidade de extermínio e por atos de genocídio em Gaza. Disponível em: < <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2024/12/amnesty-international-concludes-israel-is-committing-genocide-against-palestinians-in-gaza/> >. Acesso em: 27 jul. 2025.

Ao abordar a questão palestina e a complexidade geopolítica do Oriente Médio no ensino escolar, torna-se necessário rejeitar “uma pretensa neutralidade no processo de problematização da prática social global” (Teixeira, 2021a, p. 109). É imprescindível, portanto, organizar o trabalho educativo com base em uma perspectiva pedagógica alinhada aos interesses dos povos explorados e oprimidos. A pedagogia histórico-crítica, vertente pedagógica contra-hegemônica aqui assumida, propõe uma educação que desvele as contradições do modo de produção capitalista e contribua para a organização da classe trabalhadora em sua luta pela transformação revolucionária da sociedade.

Filosoficamente fundamentada no materialismo histórico-dialético, a pedagogia histórico-crítica compreende a educação como mediação da prática social global, orientada pelo movimento histórico objetivo. Postula a humanização dos indivíduos por meio da apropriação do acervo científico, artístico e filosófico historicamente produzido. À escola, forma dominante da educação em nossa etapa histórica, cabe garantir às novas gerações o acesso ao saber sistematizado e à cultura elaborada. Assim, a educação escolar prima por “[...] possibilitar que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais” (Saviani, 2011, p. 121). Tal perspectiva exige que os docentes se apropriem de seus fundamentos teórico-metodológicos, considerando a tríade conteúdo-forma-destinatário “[...] enquanto elementos centrais para o trato com o conhecimento e sua consequente implicação na organização e desenvolvimento do trabalho didático histórico-crítico (Galvão; Lavoura; Martins, 2019, p. 79).

Uma abordagem geográfica do tema elencado, à luz da perspectiva histórico-crítica, deve contribuir para que os estudantes se tornem contemporâneos do seu espaço-tempo, compreendendo sua inserção na lógica de estruturação dos arranjos espaciais da sociedade capitalista (Couto, 2023). Desse modo, segundo Gonçalves (2024), o desenvolvimento do “ensino de geografia histórico-crítico, com sua função e propósito, precisa ser defendido enfaticamente pelo interesse da classe trabalhadora” (p.77), estruturando-se como possibilidade de promoção de uma formação emancipatória ao articular a pedagogia histórico-crítica – e seus fundamentos estruturados no método materialista histórico e dialético - com a geografia crítica – voltada à desmistificar os interesses sistêmicos a partir da reflexão política sobre o espaço. E com base nas formulações de Santos (2008), o “espaço” é definido como objeto da ciência geográfica, concebido como social e histórico, fruto do trabalho do ser humano em mediação dialética com a natureza. O espaço geográfico é definido, assim, como categoria chave da Geografia, que se desdobra num corpo categorial-conceitual – paisagem, lugar, território e região – que oferece base objetiva para uma leitura crítica da realidade (Teixeira, 2021a).

A paisagem, por exemplo, é definida por Santos como “[...] o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homens e natureza” (2006, p. 66). Trata-se da expressão sensível das dinâmicas sociais e históricas que conformam o espaço, e não de mera descrição do visível, como propõe a abordagem empirista e fragmentada. Ao tratar da realidade imediata a partir do sensível, a paisagem visa à apreensão da totalidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais em suas múltiplas escalas. Assim, “pode ser compreendida como uma realidade representada visivelmente em uma fotografia, desenho ou pintura” (Teixeira, 2021b, p. 215).

Neste sentido, este trabalho propõe o uso de três imagens que permitem captar, no ensino de Geografia, o desenvolvimento histórico objetivo da questão palestina articulando os referenciais da pedagogia histórico-crítica e a categoria paisagem.

Questão Palestina através de imagens: para pensar o ensino na Geografia Escolar

O renomado intelectual israelense Ilan Pappé, apresenta em sua obra “Brevíssima história do conflito Israel-Palestina” (2025), um resumo bem estruturado dos principais acontecimentos que marcaram o processo de ocupação euro-sionista na Palestina e que explica os profundos impactos na vida da população originária desde então. Segundo ele, o sionismo estruturou-se num projeto de colonização por povoamento, que só lograria efetividade a partir da desumanização do povo nativo com vistas à sua eliminação (pela expulsão ou genocídio).

O estudo sistemático dos pontos elencados em sua obra, enumerados a seguir, podem oferecer importantes subsídios à organização do ensino da questão palestina com base nos conteúdos escolares do componente curricular de Geografia, levando-se em consideração os fundamentos didáticos e teórico-metodológicos anteriormente abordados nesse escrito:

- 1) Origens: o movimento sionista.
- 2) O Mandato britânico e os interesses imperialistas na Palestina.
- 3) O início do processo de limpeza étnica e a resistência nativa.
- 4) A Grande Revolta Árabe.
- 5) Partilha ilegal da Palestina, a cumplicidade da comunidade internacional e a fundação do Estado de Israel.
- 6) *Al Nakba*: a catástrofe palestina.
- 7) Guerra dos Seis Dias, ocupação total e a construção das duas maiores prisões do mundo (Gaza e Cisjordânia).
- 8) As Intifadas.
- 9) Os fracassados Acordos de Oslo e a questão palestina no século XXI.
- 10) O contexto histórico da Operação Al-Aqsa, o genocídio em curso e os caminhos para uma solução justa e duradoura.

Ladeira (2024) apresenta importante estudo abordando conhecimentos, conteúdos e categorias geográficas para orientar o ensino sobre a questão palestina na educação básica, desde a mobilização dos conceitos-chaves – especialmente o território – até questões que remetem aos temas demográficos, físico-naturais, cartográficos, econômicos e geopolíticos. Segundo ele:

“[...] o repertório conceitual presente na Geografia Escolar, se bem trabalhado pelo professor em sala de aula, oferece um auspicioso contraponto crítico aos discursos geopolíticos da mídia e também na contextualização das múltiplas informações disponíveis na internet sobre o conflito Israel-Palestina, dando a elas sentido histórico e espacial.” (2024, p.27-28)

A partir disso, a abordagem didática pode ser enriquecida com o uso intencional de dispositivos imagéticos — como fotografias, imagens aéreas, obras artísticas e representações cartográficas. A Figura 1, nesse contexto, apresenta uma sequência de mapas que, sob domínio docente, pode auxiliar na análise da expansão da colonização sionista e da fragmentação territorial da Palestina. Os mapas permitem discutir desde o Plano de Partilha da ONU (Resolução 181/1947) e a fundação do Estado de Israel (1948), até a atual configuração marcada pela violenta ocupação, apartheid e negação sistemática dos direitos do povo palestino.

Figura 1 – Mapas da colonização sionista da Palestina



Fonte: Coluna Mundialíssimo, Blog da Folha de São Paulo. Disponível em: [https://mundialissimo.blogfo-
lha.uol.com.br/files/2014/09/11213450.gif](https://mundialissimo.blogfo-
lha.uol.com.br/files/2014/09/11213450.gif). Acesso em: 27 jul. 2025.

A emblemática paisagem evidenciada na figura 2, expressa dramaticamente o processo conhecido como *Nakba* (catástrofe), quando cerca de 750 mil palestinos foram expulsos de suas terras e aproximadamente 530 vilarejos foram sistematicamente destruídos pelas forças sionistas, no contexto de criação e consolidação do Estado de Israel. Diversos estudiosos da questão palestina apontam para o caráter de longa duração do processo de limpeza étnica na região, fato que pode ser mobilizado pelo professor para uma abordagem articulada e historicizada do processo de desterritorialização, bem como a situação atual dos refugiados palestinos e sua luta pelo direito ao retorno, conforme sustenta a resolução 194 da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Figura 2 – A Nakba nunca terminou: limpeza étnica na Palestina



Fonte: Revista Jacobina. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/05/a-nakba-nunca-terminou/> Acesso em 27 jul. 2025.

A figura 3 representa uma impactante paisagem, com base numa fotografia área que evidencia a inescrupulosa política israelense de destruição deliberada da infraestrutura de Gaza em meio ao genocídio em curso na Palestina. Pode ser utilizada para desmistificar a recorrente narrativa de uma guerra legítima contra “terroristas”, uma vez que a malha urbana foi pulverizada, revelando uma clara intenção de desarticulação total do espaço geográfico, sem distinção entre alvos civis e militares. Além disso, é possível abordar a questão das perdas humanas diretas e os impactos duradouros na vida da população civil: desalojamento em massa, colapso dos serviços públicos, crise sanitária, ambiental e inviabilização da vida comunitária.

As declarações de autoridades sionistas, o majoritário apoio civil israelense ao extermínio em curso e as explícitas políticas deliberadas de aniquilação dos palestinos — como o uso da fome como arma de guerra e assassinatos em massa de populares em busca de ajuda — evidenciam o caráter genocida do Estado de Israel. Por isso, o ensino de Geografia não pode adotar falsa neutralidade nem dualismos em termos diluídos como “conflito” ou “guerra”. É preciso situar Israel — fundado no sionismo, ideologia colonial, racista e genocida, articulada ao imperialismo — como causa central da prolongada catástrofe palestina e da instabilidade regional, evidenciando ainda seu papel decisivo na ordem global de dominação.³

³ Em razão dos limites estabelecidos pelo escopo deste trabalho, esta proposição não abarca uma série de outras imbricações que envolvem a questão palestina, que devem estar sob domínio docente, como o papel das corporações multinacionais e setores empresariais na economia do genocídio, a cumplicidade de governos e instituições multilaterais à política sionista, a influência do lobby israelense no interior das estruturas estatais e, ainda, o fato de que a Palestina tem sido utilizada como um verdadeiro laboratório para o desenvolvimento e teste de armas e tecnologias militares, posteriormente exportadas e empregadas em estratégias repressivas contra populações trabalhadoras e territórios periféricos em diversas partes do mundo, como no Brasil.

Figura 3 - Imagem aérea de Khan Yunis (Gaza) antes e depois da agressão sionista



Fonte: Página do Instagram de Mohammed Fayq. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DMcRcelsUOM/> Acesso em 01 ago. 2025.

Considerações finais

Nesta abordagem tratou-se da questão palestina e do genocídio em curso na Faixa de Gaza, pela defesa, a partir da perspectiva do ensino de geografia histórico-crítico e por meio de categorias e conceitos próprios da ciência geográfica, da apreensão da realidade objetiva em sua totalidade por parte dos estudantes. Tal enfoque visa o desvelamento das contradições e complexidades inerentes aos arranjos espaciais da sociedade capitalista, em suas múltiplas

escalas, contribuindo para a formação de uma compreensão crítica das questões contemporâneas e das dinâmicas territoriais globais.

Por meio de referenciais teórico-metodológicos pautados numa concepção de mundo que postula a superação da barbárie vigente e do uso didático de recursos e dispositivos imagéticos intencionalmente selecionados com o objetivo de desvelar a catástrofe humanitária em curso, busca-se fomentar, no processo educativo, a consciência política e a solidariedade internacionalista como dimensões indissociáveis da formação humana.

Referências

- COUTO, M. A. C. O ensino de Geografia na perspectiva histórico-crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, n. 00, p. e023050, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8661936. Acesso em: 16 jul. 2025
- GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2019.
- GONÇALVES, P. P. R. **Pelo desenvolvimento do ensino de geografia histórico-crítico: análise dos currículos do ensino fundamental dos municípios de Cascavel (PR) e Bauru (SP)**. 2024. 211 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES. Acesso em 16 jul. 2025.
- LADEIRA, F. F. Conflito Israel-Palestina sob as lentes da Geografia Escolar. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas**, v. 1, n. 39, p. 11-36, 6 jul. 2024.
- PAPPE, I. **Brevíssima história do conflito Israel-Palestina**. São Paulo: Elefante. 2025.
- PAPPE, I. **Dez mitos sobre Israel**. São Paulo: Tabla. 2022.
- SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- TEIXEIRA, L. A. Pedagogia histórico-crítica e o ensino de geografia crítica: a importância dos conceitos para o trabalho com conteúdos geográficos escolares. In: GALVÃO, A. C.; SANTOS JÚNIOR, C. L.; COSTA, L. Q.; LAVOURA, T. N. (Orgs.) **Pedagogia histórico-crítica: 40 anos de luta por escola e democracia**. Volume 2. Campinas: Autores Associados, 2021b. p. 203-223.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

TEIXEIRA, L. A. Pedagogia histórico-crítica, a questão dos conteúdos de ensino e o problema das áreas de conhecimento: contribuições iniciais e coletivas. In: GALVÃO, A. C.; SANTOS JÚNIOR, C. L.; COSTA, L. Q.; LAVOURA, T. N. (Orgs.) **Pedagogia histórico-crítica: 40 anos de luta por escola e democracia**. Volume I. Campinas: Autores Associados, 2021a. p. 83-111.